

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

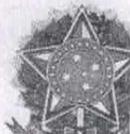
CAROLINA RABELLO USSLER

LARGO DA BATALHA:

Das batalhas de confete às disputas simbólicas no território

NITERÓI

2017



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

| | |
|--|---|
| IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO | |
| Nome do Candidato: CAROLINA RABELLO USSLER | Matrícula: 212.033.056 |
| Título do Trabalho: "LARGO DA BATALHA: DAS BATALHAS DE CONFETE ÀS DISPUTAS SIMBÓLICAS NO TERRITÓRIO" | |
| Orientador: Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues | |
| Categoria: Monográfica | Data da Apresentação: 18/12/2017 |

| |
|---|
| BANCA EXAMINADORA |
| 1º Membro (Presidente): Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues |
| 2º Membro: Drª. Marisa Schincariol de Mello |
| 3º Membro: Me. Deborah Rebello Lima |

| |
|---|
| AVALIAÇÃO: |
| Análise / Comentário O trabalho enfoca impactos do processo de modernização sobre o cotidiano sociocultural e identitário do largo da Batalha em Niterói, temática estruturante dos estudos em Produção Cultural, e que ilustra estas tensões entre pertencimento e resistência. A banca sugere o aprofundamento do trabalho em estudos de pós-graduação, inclusive focando outros agentes produtores do espaço, como o Estado. |
| Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 10,0 (dez) |
| ASSINATURAS <u>[Assinatura]</u> 1º Membro (Presidente) <u>[Assinatura]</u> 2º Membro <u>[Assinatura]</u> 3º Membro |

Carolina Rabello Ussler

LARGO DA BATALHA:

Das batalhas de confete às disputas simbólicas e reais no território

Monografia, apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Professor Doutor Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

NITERÓI

2017

R1141 Rabello Ussler, Carolina
Largo da Batalha: Das batalhas de confete às disputas simbólicas no território / Carolina Rabello Ussler; Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, orientador. Niterói, 2017.
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2017.

1. Território. 2. Identidade. 3. Políticas Públicas. 4. Agentes. 5. Produção intelectual. I. Título II. Fernandes Rodrigues, Prof. Dr. Luiz Augusto, orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. Departamento de Arte.

CDD -

CAROLINA RABELLO USSLER

LARGO DA BATALHA: Das batalhas de confete às disputas simbólicas e reais no território

Monografia, apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em ___ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, UFF (orientador)

Prof^ª Dr^ª Masrisa Schincariol de Mello, UFF/PPCULT

Prof. MsC. Deborah Rebello Lima, UFRJ

Agradecimentos

Aos meus pais, Alfredo e Aici pelo apoio e compreensão ao longo dessa minha jornada.

Ao meu irmão, Estevão, por nada e por tudo.

Às minhas amigas, que tornaram, em especial o ano de 2017, um ano mais leve, feliz e de muito amor. Obrigada mesmo.

Ao meu orientador, Luiz Augusto, que compartilhou comigo seu conhecimento e teve paciência e dedicação comigo nesse processo de escrita da monografia.

Aos meus cachorros, Naomi, Ketula, José, Lila e Olaf por serem os melhores do mundo.

Aos meus gatos, Shiba, Steve Magal, Mãezinha, Mãe de Todos, Pretinha, Florzinha e Arisca, por serem os gatinhos mais fofuxos da vida e me fazerem muito feliz.

Ao Artur, por me ajudar com coisas de nerds.

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o Largo da Batalha, bairro localizado na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro e busca compreender as mudanças trazidas pela contemporaneidade e identifica seus agentes e atores sociais que protagonizam e carregam intensamente de significados esse território a partir da construção e representação da própria identidade, mas que vem sofrendo ou se adaptando às mudanças devido ao crescimento, modernização e especulação imobiliária da cidade. Esta pesquisa traz reflexões acerca dos usos da cidade, políticas públicas e os processos de produção de identidade dos feirantes, festeiros, moradores do bairro e outros niteroienses com a relação que eles estabelecem com o território, atrelado aos processos de tentativa do Poder Público de normatizar e higienizar os bairros niteroienses.

Palavras-chave: território; identidade; Largo da Batalha; feirantes; políticas públicas; praça pública; contemporaneidade; agentes.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| CAPÍTULO 1: CONCEITOS | 8 |
| CAPÍTULO 2: ENTENDENDO O TERRITÓRIO: LARGO DA BATALHA E A CONTEMPORANEIDADE | 15 |
| CAPÍTULO 3: IDENTIFICANDO OS AGENTES DO LARGO DA BATALHA E A SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO | 30 |
| 3.1 GRES ACADÊMICOS DO SOSSEGO | 32 |
| 3.2 RUA DO SAMBA | 35 |
| 3.3 FEIRANTES E OUTROS PEQUENOS COMERCIANTES | 37 |
| 3.4 MORADORES DO LARGO DA BATALHA..... | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 45 |

INTRODUÇÃO

Enquanto estudante de Produção Cultural, em minha trajetória dentro da universidade, e a partir do meu processo de construção do conhecimento, passei a enxergar o mundo com um olhar que não percebe apenas o simples, superficial ou os seus acontecimentos de forma acidental, aprendi que este mundo se dá pela constante construção das pessoas enquanto ser vivo e também social. Sendo assim, buscar respostas e entender o lugar onde vivemos, construímos e que ao mesmo tempo nos constrói, se tornou um processo de desnaturalizar o que já conhecia.

Escolhi estudar o Largo da Batalha por se tratar de um bairro vizinho ao meu e caminho obrigatório para que eu possa chegar ao centro e outras regiões da cidade por onde mais transito. Nascida e criada na região de Pendotiba, acompanhei parte das mudanças do bairro, como também ouvi muitas histórias sobre seu carnaval de rua, seu comércio variado e as grandes hortas que abasteciam as feiras de rua e, conseqüentemente, a população do entorno.

Afim de entender como se deram as transformações do bairro e como os seus diversos agentes atuam nesse território, o estudo a que se diz respeito este trabalho monográfico trata de um cenário bastante comum nas cidades grandes e médias do Brasil: a presença do Estado, atuando de acordo com os interesses das grandes empresas, em detrimento das necessidades básicas e infraestrutura necessárias para a melhoria da qualidade de vida da população. Como consequência disso, as cidades e seu planejamento urbano são traçados a partir da lógica do capital, colocada por uma racionalidade financeira, mundial e hegemônica.

No Largo da Batalha, potentes agentes e processos econômicos vêm surgindo e apresentando, desde a década de 1970, uma crescente especulação imobiliária e urbanização desenfreada, que acaba por expulsar ou tirar a força de pequenos comerciantes e agentes, como os feirantes e festeiros. Associado a esse processo, os pequenos comerciantes enfrentam a competição com as redes de supermercados e lojas de grandes marcas, que são mais potentes e invadem seu território, precarizando ainda mais o cenário econômico para o comércio familiar e de que pequeno porte.

Muitos feirantes largaram a profissão e foram absorvidos como mão de obra nos mercados e lojas do bairro com a expectativa de melhores condições salariais e de vida,

mas, alguns deles escolheram continuar a sua prática, mesmo que essa esteja cada vez mais desgastada e sem apoio da Prefeitura. Entretanto, através de formas alternativas, diversos agentes do Largo da Batalha, vêm procurando resistir e se manterem sólidos em meio à luta que se trava constantemente com os agentes de maior potência no bairro.

Trazendo como objeto de estudo o bairro do Largo da Batalha, na cidade de Niterói, pretendo no primeiro capítulo deste trabalho apresentar um suporte teórico que dê conta de entender os processos e consequências da urbanização nas grandes cidades, bem como traçar uma outra perspectiva de análise da dinâmica urbana, a partir do olhar “de dentro e de perto” afim de entender as subjetividades do vivido dentro do território, como também o olhar de “de fora e de longe” que revela diversos padrões na paisagem da cidade. Como também trabalhar a ideia de “casa” e “rua”, como espécie de análise sociológica do bairro, entendendo como essas categorias, mesmo que opostas, se fundem em alguns espaços do território a partir das relações de identidade, apropriações e usos atribuídos pelos seus agentes.

No segundo capítulo, apresento um contexto histórico para analisar como se deu a construção de Niterói, e melhor compreender os processos de transformação urbanos e políticos da cidade. Nesse sentido, me aproximo – como se estivesse utilizando uma lupa – para apresentar o Largo da Batalha enquanto território demarcado pelo Estado, como também o território traçado por quem o vive.

No terceiro capítulo, apresento os agentes do Largo da Batalha, principalmente os do circuito inferior, para entender como se dão os processos de construção de identidade dentro do território e como esses, que protagonizam e representam a sua própria identidade no bairro, o carregam imensamente de significado a partir das suas práticas, apropriações e relações que ali estabelecem. Dessa forma, apresento diversos agentes que entrevistei ou observei em minhas idas à campo: os feirantes, fregueses da feira, festeiros, componentes da escola de Samba Acadêmicos do Sossego, moradores do Largo da Batalha e de outros bairros de Niterói.

CAPÍTULO 1: CONCEITOS

Início este trabalho trazendo no primeiro capítulo reflexões acerca do território, cidade, identidade e espaço público, para compreender melhor o processo de modernização do Largo da Batalha e os efeitos gerados pela contemporaneidade no bairro, que, enquanto território, está carregado por signos construídos a partir de diferentes perspectivas, traçadas tanto pelo poder público quanto por outros agentes, como moradores, festeiros, feirantes e outros comerciantes, entendendo como fundamental esse suporte teórico para, mais a frente, apresentar o bairro do Largo da Batalha com uma lente de aumento, trazendo suas especificidades, história e identidade.

Segundo Magnani (2002) ao se estudar as cidades contemporâneas nota-se uma grande quantidade de abordagens sobre o rumo e as consequências da urbanização em curso, principalmente nas grandes metrópoles e essas se dão, normalmente, a partir de duas perspectivas: Em uma delas são apresentados análises e diagnósticos, com base em variáveis e indicadores sociais, econômicos e demográficos que enfatizam os aspectos negativos do processo de urbanização das cidades, como a qualidade dos transportes públicos, a falta de saneamento básico, a concentração e distribuição irregular de equipamentos, a falta de moradia e violência em um quadro que, em geral, é aplicado aos países chamados subdesenvolvidos e apresenta, em uma perspectiva geral, “uma linha de continuidade onde fatores desordenados do crescimento acabam por produzir inevitavelmente o caos urbano” (MAGNANI, 2002, p. 12). Na outra, trata-se de uma abordagem que se refere aos países desenvolvidos, apresentando uma cidade marcada por redes e pontos de encontros virtuais, “não-lugares”, onde se destaca uma quebra, consequência dos avanços tecnológicos, que acaba por tornar ultrapassado não só as disposições urbanas anteriores, como também as formas de comunicação e sociabilidade, um caos proveniente dos conflitos de signos dentro da cidade.

Essas duas perspectivas, segundo o autor, ainda que polarizadas, para fins comparativos, trazem conclusões semelhantes sobre as cidades e suas políticas urbanas e de cultura, como a degradação dos equipamentos e espaços públicos, segregação, redes de sociabilidade cada vez mais restritas e privatizadas, e situações de violência. Não bastasse essas análises e pesquisas acadêmicas, a mídia também possui um papel importante em enfatizar os aspectos negativos das cidades e as suas problemáticas urbanas,

utilizando um discurso carregado de estereótipos, que enfatiza o caos, a violência e outras situações de risco.

Com o propósito de pensar as cidades para além dessas duas perspectivas e determinar um campo onde se possa contemplar outras alternativas de análise da dinâmica contemporânea urbana, Magnani (2002) propõe um olhar etnográfico sobre a dinâmica da cidade, “de dentro e de perto” a fim de resgatar, refletir e entender os aspectos que são excluídos na visão mais geral e distanciada da cidade, o que ele denomina de “de fora e de longe”, dando um caráter comparativo às análises urbanas. Essa mudança de foco trazida pela visão etnográfica se torna importante, pois evita as marcas do senso comum, que em geral, aparecem nos discursos sobre grandes cidades e os problemas nos centros urbanos e, conseqüentemente, acabam massificando e despersonalizando o indivíduo dentro dessa lógica.

A partir da visão “de dentro e de perto”, Magnani entende que se pode perceber possibilidades e alternativas de vivências dentro da cidade, como a existência de grupos, redes sociais, sistemas de troca, trajetos e outras mediações nas quais o indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, na cidade:

A simples estratégia de acompanhar um desses “indivíduos” em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc. É neste plano que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (MAGNANI, 2002, p. 17)

Além do olhar “de dentro e de perto”, o autor propõe uma outra modalidade que complementa a pesquisa, a qual ele denomina de “de passagem”, que consiste em percorrer os caminhos da cidade na perspectiva dos atores sociais que estão sendo analisados e então observar espaços, equipamentos, hábitos e conflitos, deixando-se induzir pela decorrência de imagens e situações que a pesquisa venha a produzir. Nesse sentido, entende-se que o olhar “de passagem” nada mais é do que um olhar “de dentro e de perto” a partir das escolhas dos próprios atores sociais e não dos pesquisadores, entendendo de que forma eles transitam pela cidade, desfrutam dos serviços, usam equipamentos e determinam seus

encontros e trocas em diferentes situações, sejam elas no trabalho, lazer, participação política ou religiosidade.

Entretanto, o olhar “de fora e de longe”, que por muitas vezes não é considerado capaz de dar relevância aos atores sociais como aqueles responsáveis pela rede que firma a dinâmica urbana, também pode revelar os diversos e criativos *arranjos* coletivos, a partir de comportamentos, que apresentam padrões, na paisagem da cidade. Mas, para se pensar no âmbito das regularidades e padrões e não das “dissonâncias”, “hibridizações” e “desencontros”, Magnani (2002) entende como condição necessária no plano teórico, a ideia de totalidade, que não se trata daquela que lembra um todo orgânico, funcional e sem conflitos, ou no caso das cidades, uma totalidade que trate dos seus limites político-administrativos: se torna impensável essa proposta ao se tratar uma grande cidade como São Paulo ou Rio de Janeiro. Porém, o que o autor propõe é que ao se renunciar a uma totalidade de uma grande cidade, não se embarque em um extremo oposto: a fragmentação. A ideia é que “Se não se pode delimitar uma única ordem, isso não significa que não há nenhuma; há ordenamentos particularizados, setorizados; há ordenamentos, regularidades.”(MAGNANI, 2002, p. 19).

Magnani entende que um recorte bem estabelecido seja uma condição para a garantia de um bom exercício etnográfico, indo além de entender o objetivo de pesquisa dentro de limites demarcados, podendo existir, por exemplo, uma delimitação espacial concreta que trata de uma parte específica do território, colocando a questão da totalidade, dessa forma, em diversos planos e escalas. Outra característica da totalidade é como ela percebida e vivida de formas diferentes para os atores sociais e os pesquisadores, como por exemplo se pensarmos em recortes como: torcidas organizadas, blocos de carnaval e grupos de pessoas jovens ou mais velhas. Sabe-se que, nestes e outros casos comparáveis, existe uma totalidade vivida tanto como delimitador de fronteiras quanto como código de pertencimento pelos integrantes de cada grupo.

Assim, uma totalidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo. (MAGNANI, 2002, p.20)

A partir dessa perspectiva que trás os olhares “de perto e de dentro” e “de longe e de fora”, experimentando, reconhecendo e identificando os atores sociais e traçando recortes no território do Largo da Batalha, pretendo ao longo deste trabalho ir me aproximando, como se estivesse utilizando uma lupa, para entender os processos e efeitos da urbanização no bairro, bem como seus atores e agentes sociais o experimentam e traçam seus próprios caminhos a partir da vivência na cidade, não só como indivíduos isolados, como também nos grupos em que esses fazem parte.

Caminhando ainda na perspectiva da cidade, seus usos e a multiplicidade, trago a ideia de oposição entre a casa e a rua de DaMatta (2000), que mostra uma forma singular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano, trazendo em seu livro *A casa & a rua* uma espécie de análise sociológica a partir desses dois elementos:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 2000, p.15)

A alusão que DaMatta (2000) apresenta entre a casa e a rua está ligada à idéia de um “espaço moral”, como por exemplo, o da moral e dos bons costumes da sociedade, que estiveram e ainda estão relacionados ao espaço da casa. Essa que simboliza desde a época colonial o íntimo e particular das pessoas, onde se poderia ter opinião, expressões e outras ações que, fora dela, não necessariamente, seriam bem vistas. Em casa, é como se os membros da família ou o grupo ao qual as pessoas fazem parte fossem os limites e fronteiras já bem estabelecidos, devido aos mesmos interesses e afinidades, compartilhando dos mesmos valores, que resguardam a tradição, honra e também a vergonha. Não à toa, quando se fala em casa, nos lembramos de um espaço profundamente ligado à moral, e é nela aonde as pessoas se sentem indivíduos únicos, insubstituíveis e fazendo parte de um espaço que pode ser inclusivo, acolhedor e que normalmente remete a algo do bem.

Em oposição, rua é tida como um lugar de inconstâncias, e que se opõe à tranquilidade da casa, da morada. Ao pensar a rua, associamos a um espaço ruim,

competitivo, da desordem e do caos. É nela que se encontram os indivíduos anônimos, prevalecendo nesse espaço uma linguagem mais impessoal. Para DaMatta (2000), na rua é possível sermos desrespeitados pelos que representam a autoridade, pois somos vistos como “subcidadãos” e por não termos voz, e por se estar nessa condição, acabamos apresentando um comportamento duvidoso, quando não obedecemos às regras ou leis, como jogar lixo no chão ou cometer infrações no trânsito. O que identifica que não recriamos na rua o mesmo espaço da casa, uma vez que não enxergamos a rua como um espaço público, no sentido de ser de todos, como um bem comum. Segundo o autor, existem expressões que traçam muito bem a distinção que fazemos entre a casa e a rua, como: “vá para a rua!”, “vá para o olho da rua!” e “estou na rua da amargura!”. Essas acabam por sugerir rupturas, solidão e, normalmente, remetem a situações negativas.

Entretanto, ao abordar a casa e a rua como categorias sociológicas, o autor não faz uma completa oposição das mesmas, visto que elas se apresentam de forma correspondente em algumas situações, como por exemplo as ruas quando se tornam espaços ocupados de forma mais íntima, onde alguns grupos sociais vivem como se “estivessem em casa”, como por exemplo os usos atribuídos à praça Levir Francisco pelos moradores do Largo da Batalha e os do seu entorno.

Nesse sentido, pretendo apresentar no último capítulo deste trabalho como a relação entre a casa e a rua se fundem na perspectiva de quem mora no bairro do Largo da Batalha e vivencia esse território enquanto espaço de troca, sociabilidade, trabalho e lazer, mas também como ao longo dos anos esses mesmos agentes vêm se adaptando às mudanças da contemporaneidade e ressignificando ou dando novos usos e sentidos aos espaços dentro desse mesmo território. E, a partir dessas apropriações e novos usos que os agentes dão ao Largo da Batalha, identificar como alguns espaços de sociabilidade se tornam uma espécie de extensão da casa, onde você recebe os amigos, família, realiza festividades e se sente à vontade tanto para usar o espaço, quanto cuidar dele. E também observar aqueles outros espaços em que os agentes não conseguem estabelecer relações de identidade que se assemelham com a casa e um contexto familiar, vistos pela perspectiva da falta de pertencimento e negatividade que a rua possa ter.

E para continuarmos a refletir acerca do território e o usos que são atribuídos a ele, e tendo como circunstância as transformações da década de 1970, no âmbito político, cultural, econômico e arquitetônico, que acabam por propor uma nova relação com o

tempo e espaço, me aprofundo neste tema a partir de considerações de Milton Santos. Pois, para o geógrafo brasileiro, a formação social ocorre de forma simultânea com a formação espacial, deste modo cada sociedade acaba tendo sua própria formação socioespacial e seu espaço (SANTOS 2005 [1978]). Partindo do princípio de que o Estado é uma formação socioespacial, e é constituído pelo governo, povo, soberania e território, e este também é, usualmente, o espaço geográfico do Estado, que também se torna uma espécie de totalidade. Nesse sentido, pode-se definir as escalas da totalidade: sendo a primeira delas, o espaço geográfico, onde há a totalidade dos modos de produção ou do mundo; a segunda escala é o Estado e seu território, onde a totalidade está relacionada à formação socioespacial.

Para Milton Santos o território não é organizado exclusivamente pelo Estado, como, também, não se restringe à dimensão política do espaço, ou seja, que acaba por se delimitar pelas relações de poder ali existentes. Há também o uso e a apropriação desse território por diferentes agentes, englobando tanto as relações de poder, como as relações econômicas e simbólicas. O território nos trabalhos de Santos, é assentado, em grande parte, no conceito do geógrafo suíço Claude Raffestin, que percebe o território como um agrupamento de sistemas de objetos e sistema de ações, e como ele é formado pelas diferentes territorialidades. Para Raffestin (1993) o território também é formado por: superfícies, que seriam as estruturas econômicas, políticas e culturais; por linhas e pontos, que seriam as redes e os lugares, respectivamente.

Sendo assim, para Milton Santos, não se trata do território em si como categoria de análise social, mas sim o *território usado* (SANTOS, 1994). O autor concede ao território uma condição de escala geográfica. O território usado é formado pelo espaço geográfico do Estado e seu uso, apropriação, produção, estrutura e disposição, a partir dos diferentes agentes que o compõe: as firmas, instituições (como o próprio Estado) e as pessoas.

As firmas são representadas pelas empresas privadas, sociedades anônimas, sociedade de economia mista, sociedades limitadas que têm a função de produção, distribuição, troca e consumo de mercadorias e serviços. As instituições são os órgãos estatais, as associações, as organizações filantrópicas e as organizações não governamentais, que produzem normas, ordens e informações. As pessoas são os seres humanos em geral, a população ou parte dela que compõem as firmas e as instituições. (SANTOS, 1985)

As firmas, podem se tornar dentro da cidade, instituições, ao imporem suas normas e ordens, as instituições também podem atuar como firmas, como é o caso das empresas estatais, ou serem integradas às firmas. E as pessoas podem também ocupar um papel de firma ao se inserirem nos processos de produção, distribuição, troca e consumo, e ainda podem se apresentar como instituição ao exercerem a sua cidadania em sua rotina.

Estes agentes usufruem da infraestrutura organizada no espaço físico natural e pelo espaço físico construído e humanizado, produzindo assim uma dialética no território. Segundo Santos (1998) essa dialética ocorre entre o externo e o interno, o novo e o velho, o mercado e o Estado. Logo, esse território se estrutura por agentes que são internos e também externos, as novas e velhas modificações e agentes, pelo apoio e embate entre o mercado (que em geral é o externo e novo) e o Estado, que geralmente representa o velho e interno. Deste modo, o Largo da Batalha, ao longo deste trabalho, será apresentado e entendido à partir de diferentes perspectivas, como a de seus diversos agentes e suas práticas no território, a sua dinâmica espacial, a fusão entre o velho e novo, as mudanças e as relações que seus agentes estabelecem com o mesmo, apresentadas à partir de um contexto histórico da construção da cidade de Niterói, que auxiliam em um maior entendimento dos efeitos da contemporaneidade dentro desse território.

CAPÍTULO 2: ENTENDENDO O TERRITÓRIO: LARGO DA BATALHA E A CONTEMPORANEIDADE

Para se compreender o processo de urbanização, crescimento e os efeitos da contemporaneidade no Largo da Batalha, bairro localizado na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, dou início a este capítulo apresentando como se deu a trajetória política, social e urbana da cidade de Niterói, até os dias de hoje, através de um breve histórico. Nesse sentido, a partir dos dados do IBGE, identifica-se que Niterói teve seu início com a aldeia fundada pelo índio Araribóia em 1573, que recebeu o nome de São Lourenço dos Índios e foi o primeiro núcleo de povoamento da cidade. Em 1587, com a morte do índio Araribóia, iniciou-se um processo de declínio do aldeamento pois a sua localização era distante da “povoação maior” e não apresentava condições para que houvesse expansões. Entretanto, a chegada da Corte de D. João VI à colônia brasileira foi muito importante para o progresso e auge para as freguesias do recôncavo e, principalmente, para a de São João de Icaraí, pois São Domingos foi escolhido para ser sede do seu sítio e a sua estadia foi responsável pelo aumento dos números de visitantes àquela localidade, trazendo o progresso e a intensificação do comércio e da navegação, além do surgimento de vendedores ambulantes e mascates. Posteriormente, em 1841, foi idealizado o Plano Taulois ou Plano da Cidade Nova que incluía os bairros de Icaraí e Santa Rosa, implementando um plano de arruamento de autoria do engenheiro francês Pedro Taulois e organizado quando Niterói se tornou capital. Esse marco foi determinante para o início de uma série de desenvolvimentos urbanos, dentre os quais, a implantação de serviços básicos, como a barca a vapor (1835), feito pela Cantareira e Viação Fluminense, iluminação pública à óleo de baleia (1837), abastecimento de água (1861), bonde de tração animal da Companhia de Ferro-Carril Nictheroyense (1871), estrada de ferro de Niterói, conectando a cidade com localidades no interior do estado (1872), bondes elétricos (1883), entre outros.

Após a Revolta Armada, Niterói voltou a ser capital do estado do Rio de Janeiro, em 1903, devido a sua proximidade com o Rio de Janeiro, município mais importante da rede urbana nacional, pois liderava as exportações de café através do seu porto. Esse período foi marcado por intervenções urbanas que promoviam à cidade uma qualificada

infraestrutura, procurando organizar uma vida urbana condizente com o seu momento na época.

Desde o início década de 1970, a cidade estava sofrendo um impacto na sua estrutura econômica devido à fusão dos estados da Guanabara e o Rio de Janeiro, retirando de Niterói a condição de capital. Mas, nesse mesmo momento, deu-se início a construção da Ponte Presidente Costa e Silva, ligando Niterói ao Rio de Janeiro, que ao ser concluída modificou o cenário de esvaziamento econômico da cidade e intensificou a produção imobiliária nas áreas centrais e bairros litorâneos consolidados da Zona Sul (Icaraí e Santa Rosa), além de redirecionar a ocupação para as áreas expansivas da cidade como as da região Oceânica e Pendotiba.

A prefeitura da cidade foi assumida no final da década de 1970, por Wellington Moreira Franco (1977 - 1981), e se tornou uma época marcada por uma sucessão de Planos Urbanos, (que foram implantados ou não) que buscavam por atender às necessidades do município, como a construção do túnel Raul Veiga, ligando o bairro de São Francisco à Icaraí e a reurbanização da Orla de São Francisco, Charitas e Jurujuba. Com a construção do túnel e a realização de outras obras importantes na cidade, a Região Oceânica de Niterói se tornava cada vez mais valorizada e, conseqüentemente, o Largo da Batalha mais movimentado, por ser o principal acesso para a área oceânica da cidade. O bairro, que até então só se conseguia chegar através da rua Dr. Mario Vianna (indicada no mapa abaixo pela linha 1), passou a ter um novo trajeto e se tornou a principal rota de quem saía do centro da cidade, Icaraí, São Francisco e outros bairros em direção à Região Oceânica, através do túnel, que foi construído onde a linha 2 está traçada, ligando o bairro de Icaraí a São Francisco, como pode-se observar na foto abaixo:

Atualmente, o bairro conta com um comércio variado: com supermercados, bares, padarias, perfumaria, loja de material de construção, peças para carro, peixaria, abatedouro de aves e também agências bancárias. O Largo da Batalha acaba suprimindo não só as necessidades dos seus moradores, como as do entorno, devido ao comércio diversificado. Segundo o Blog Cultura Niterói, por se tratar de um forte centro comercial, o bairro está propício a atrair e concentrar ainda mais estabelecimentos, intensificando e especializando o seu comércio, com tendência a se transformar num bairro predominantemente comercial.

Em relação à população residente do bairro, através das idas à campo, compreendo que ela se concentra nas localidades de Igrejinha, perto do Morro do Atalaia, Morro do Carangueijo, parte do Monan Grande, na Pedra Branca e Castelinho, que juntas constituem o Largo da Batalha, como ilustra o mapa abaixo:

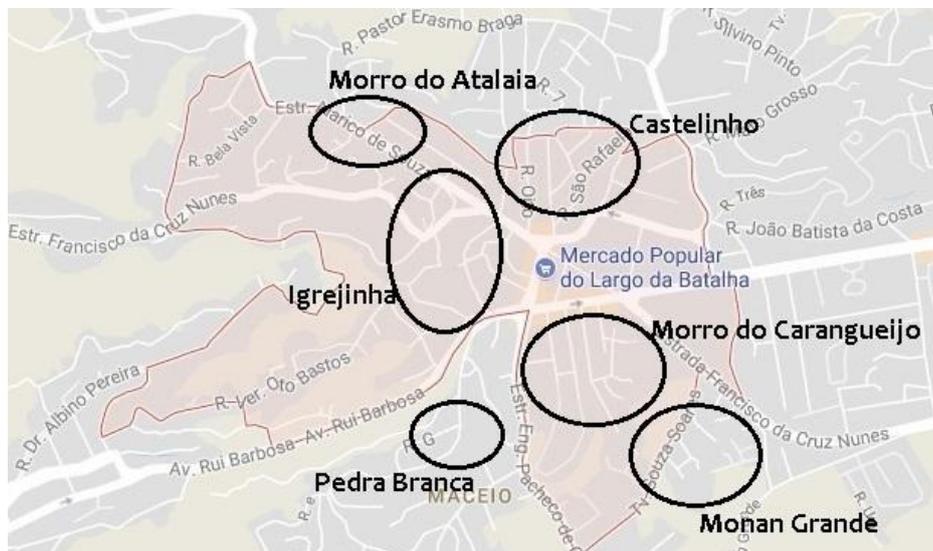


Figura 2: Mapa do Largo da Batalha com demarcações
Fonte: Google Maps

Sendo, nessas áreas, residências localizadas entre os vales e morros, com um padrão de construção de moradia variando entre o baixo e o precário, apontando o baixo nível econômico predominante na região, apesar de mesmo que em menor quantidade, condomínios e casas com um padrão econômico mais alto, compartilham deste mesmo território.

O nome do bairro, segundo alguns moradores, foi atribuído devido às grandes “batalhas” de confete, consequência do encontro de diversos blocos carnavalescos. Fato que reforça ainda mais essa hipótese, é o Largo da Batalha ser sede da escola de samba GRES Acadêmicos do Sossego, já ter sido sede da antiga escola de samba Santo Inácio e

possuir o maior carnaval de rua da região. Outra história contada pelos moradores, para explicar o nome do bairro, sugere embates no local devido a sua posição estratégica, no alto e distante do centro da cidade. Um detalhe, que tenta comprovar essa hipótese dos moradores é de que um canhão foi encontrado na região da *Vacaria*¹, nos anos 1940, onde, coincidentemente, eu moro. E apesar de ter tentado descobrir com a vizinhança sobre o canhão, ninguém ouvira falar, nem mesmo os mais velhos. É importante entender que há o *Largo da Batalha*, enquanto território², no entendimento dos feirantes, moradores, festeiros, frequentadores das praças e outras pessoas que ali transitam, seja como local de passagem ou de alguma outra forma de apropriação do bairro. Nesse sentido, para compreender o processo de modernização e as formas de apropriação do bairro é preciso pensar o Largo da Batalha como território, analisando seus aspectos históricos, físicos e simbólicos para maior compreensão das relações que ali são estabelecidas, afetos e trocas, materiais ou imateriais com os seus atores sociais. Para tal, utilizarei o modo convencional de entendimento do espaço, com as demarcações nos mapas, traçadas no solo e estabelecidos a partir do Estado, e - também - compreender o bairro como um território usado (SANTOS, 1999), onde indivíduos constroem relações, criam e recriam esse lugar a partir das suas experiências e fazem o seu próprio recorte e delimitações do bairro a partir das suas vivências e interações no mesmo e que extrapolam o que é traçado nos mapas.

No entanto, começo apresentando o Largo da Batalha a partir de mapas retirados do *Google Maps*³, para que se tenha uma melhor dimensão do espaço, fazendo um exercício de localização geográfica do mesmo e dos seus caminhos, cruzamentos e ruas em um olhar mais distanciado e analítico.

No primeiro mapa, trago uma imagem mais afastada da cidade de Niterói para apresentar a sua localização, dimensão e ilustrar a sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro e a Ponte Presidente Costa e Silva, como falado anteriormente, importante marco para o desenvolvimento da cidade. Neste mapa, o Largo da Batalha encontra-se indicado através do Círculo, com ele se pode notar a centralidade do bairro e como ele é um

¹ A Vacaria é uma região localizada no bairro Badu, próximo ao Largo da Batalha. Esse nome foi atribuído à localidade, pois até meados da década de 1980 havia um pasto com um número considerável de bois e vacas.

² Aqui, quero chamar a atenção para o fato da percepção social do bairro não ser exatamente o reconhecimento oficial, ou seja, a demarcação do bairro (ou conjunto de bairros) pela Prefeitura. As fronteiras desse território nem sempre se estabelecem a partir das delimitações oficiais.

³ Google Maps é um serviço gratuito que disponibiliza a visualização de mapas e fotos via satélite através da internet, criado pela empresa Norte Americana Google.

importante ponto de entrada para a maioria dos bairros de Niterói, formando assim um local de cruzamentos, onde os carros e transportes públicos passam pelo bairro em direção aos seus destinos, que em sua maioria não são o bairro Largo da Batalha. A partir de suas ramificações é possível traçar diferentes trajetos, que possibilitam não só travessia da cidade de um bairro para outro, como também rotas alternativas às usuais quando necessário, em caso de acidentes ou engarrafamentos.



Figura 3: Mapa geral da cidade de Niterói

Fonte: Google Maps. disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Niter%C3%B3i,+RJ/@-22.9226661,-43.1853919,11z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9985c034c8b985:0x262ee793dfcc1775!8m2!3d-22.8858975!4d-43.1152211>>

No entanto, o Largo da Batalha, que para uma grande parte da população de Niterói, serve apenas como lugar de passagem, ultrapassa essa ideia ao se pensar os usos que a ele são atribuídos e aos serviços oferecidos e utilizados pelos seus moradores e aos dos bairros mais próximos. Existe uma dinâmica nesse território para além do fluxo intenso de carros, ônibus e caminhões e essa se pode notar, principalmente, nas calçadas, praças e na rua em dias de festa.

Com um olhar mais aproximado deste território, pode-se notar um outro tempo desse mesmo bairro, o tempo de quem está andando nas calçadas, de quem frequenta suas áreas de lazer ou utiliza os serviços que nele são oferecidos. Atualmente o bairro conta com duas praças, que se tornaram os principais espaços de sociabilidade do Largo. Uma delas a Praça Odir Sereno, inaugurada em 20/11/2017, ocupando o mesmo local que abrigou provisoriamente os feirantes do Mercado Popular do Largo da Batalha, possuindo na sua infraestrutura uma academia para a 3ª idade, uma área de convivência com bancos e mesas e um playground com brinquedo para as crianças.



Figura 5: Sede provisória do Mercado Popular do Largo da Batalha

Fonte: Alexandre Vieira. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/niteroi/2014-09-27/feirantes-do-largo-da-batalha-vao-ganhar-novo-mercado-popular.html>>



Figura 6: Praça Odir sereno

Fonte: Fotografia de Leonardo Simplício. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/prefeitura-de-niter%C3%B3i-inaugura-pra%C3%A7a-no-largo-da-batalha>>

A outra, a Praça Levir Francisco, revitalizada e entregue no dia 13/03/2017, faz parte, segundo a prefeitura, de um conjunto de ações que estão sendo realizadas e idealizadas pela Enel Distribuições Rio, como parte do projeto “Força da Gente”⁴, que tem como um dos seus diferenciais o engajamento da comunidade e a participação popular, como esclareceu o secretário de Esporte e Lazer, Bruno Souza, para o jornal online de O Fluminense (em 8/01/2017),

O ponto mais interessante desse projeto é que ele foi desenvolvido em conjunto com a comunidade local. Os projetos atendem às carências específicas de cada local. As praças contarão com equipamentos modernos de esporte e lazer, o que contribuirá sobremaneira para melhorar o nível da diversão e da prática de esportes. (site: <<http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/pra%C3%A7as-com-um-novo-conceito>> Acesso em: 10/09/2017)

Nesta praça, maior que a outra, os moradores podem fazer uso de uma quadra de futebol, de um playground com brinquedos assinados pela Oikotie, empresa referência na criação e desenvolvimento de espaço de lazer infantil, uma horta comunitária e também

⁴ Ação que tem como base inovação, sustentabilidade e acessibilidade, promovendo a revitalização e intervenções em praças da cidade. Conta com o apoio do BNDS e do poder público municipal por intermédio das secretarias de Esporte e Lazer e Conservação de Serviços Públicos.

uma área de convivência com mesas e cadeiras. Nas minhas idas recentes a ela, pude perceber o quanto esta tem sido um local de encontros, lazer e aprendizado, desde as crianças aos mais idosos, os horários com maior presença de frequentadores são os de saída das escolas, das aulas de ginástica para a terceira idade e das de futebol para as crianças.



Figura 7: Praça Levir Francisco - Área infantil
Foto: Carolina R. Ussler



Figura 8: Praça Levir Francisco - Quadra de Futebol
Foto: Carolina R. Ussler

Além desses espaços de sociabilidade planejados pela prefeitura, no Largo da Batalha pode-se localizar pontos específicos onde existem outras manifestações e apropriações deste território, que fogem do planejado ou do imaginário de quem vê o bairro enquanto lugar de passagem ou com distanciamento. A calçada à esquerda da Rua Rev. Armando Ferreira - que durante o dia está repleta de moradores esperando o transporte público, camelôs e alguns feirantes - com o cair da noite dá espaço para os festeiros que frequentam o bar em frente ao ponto de ônibus, que a ocupam com cadeiras, mesas, músicas de diferentes estilos, dança e cantoria, extrapolando o espaço em que o bar é delimitado. Transversal à rua do bar, encontra-se a Rua Jorn. Silvia Thomé, que durante a semana serve de passagem para quem vem do centro da cidade em direção à região Oceânica e Pendotiba e aos sábados durante a noite é fechada para a realização de uma festa de rua com barracas de comidas variadas e música.

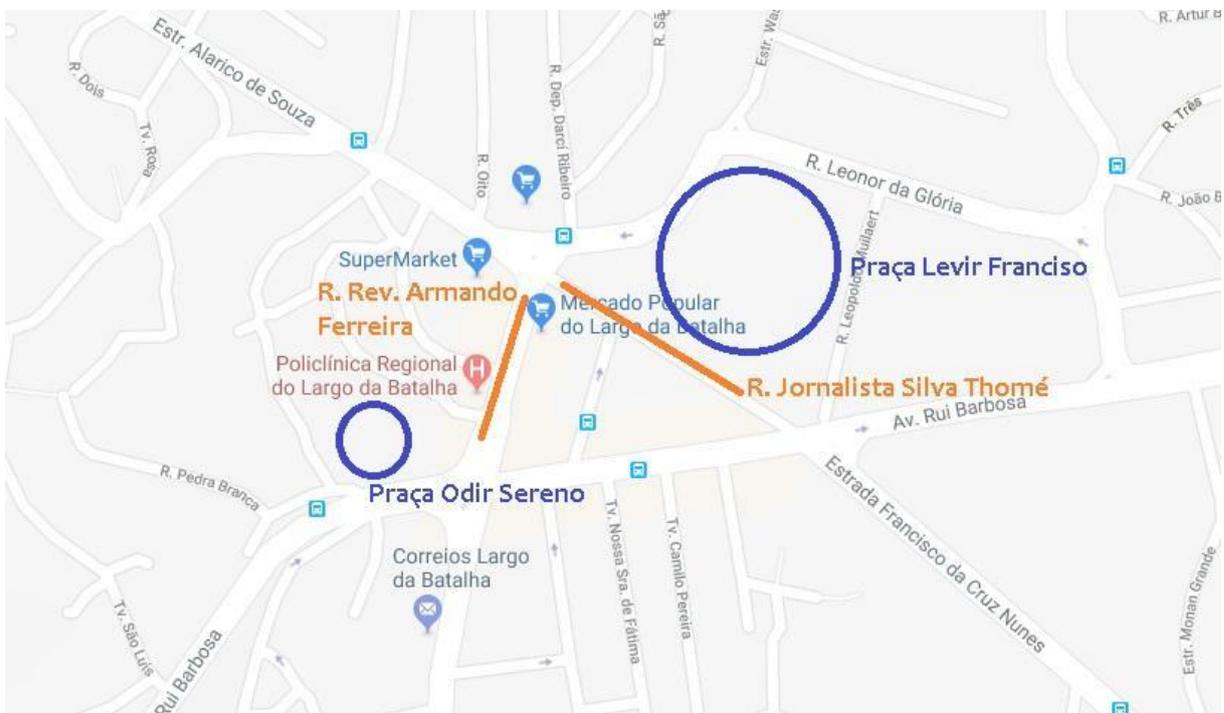


Figura 9: Mapa ampliado do Largo da Batalha com demarcações.
Fonte: Google Maps

GRES Acadêmicos do Sossego, que em 2018 desfila pela segunda vez no grupo de acesso A no carnaval do Rio de Janeiro, também encontrou nas ruas do bairro uma forma de não parar seus ensaios, já que a escola de samba está, atualmente, sem sede oficial. Segundo a assessoria da agremiação, para o jornal A Tribuna, a diretoria está à procura de um terreno no Largo da Batalha, onde a escola surgiu, mas mesmo após essa aquisição, os

ensaios, que deverão começar em outubro, continuarão acontecendo na rua, pois essa estratégia animou os foliões no último desfile.

No entanto, os novos usos atribuídos a esse território não se restringem somente ao lazer e festividades, o bairro, que tem como forte característica o comércio diversificado, vem cada vez mais se tornando um centro comercial, com lojas maiores, marcas estrangeiras e a construção de novos shoppings e galerias, fazendo com que as mudanças e modernizações do Largo da Batalha, alterem também as antigas práticas de comércio no território. Da década de 1970 para cá, como dito anteriormente, toda a cidade de Niterói vem sofrendo mudanças em sua estrutura e organização. A feira livre do Largo da Batalha, que deu início ao processo de construção da identidade do bairro enquanto lugar comercial, hoje, sofre com as mudanças trazidas pela contemporaneidade. Em 2013, os feirantes puderam, de fato, começar a perceber os efeitos dessas mudanças quando foram removidos do calçadão da Rua Reverendo Armando Ferreira, pela Operação Calçada Livre da Secretaria da Ordem Pública, e realocados sob um toldo, montado pela prefeitura na Avenida Rui Barbosa até que o Mercado Popular do Largo da Batalha fosse construído.

Segundo a SECONSER, Secretaria de Conservação e Serviços Públicos, criada através da Lei Municipal Nº 3.022 de 21 de Março de 2013, com a finalidade de concentrar e coordenar os serviços de manutenção e conservação da cidade, a Operação Calçada Livre veio para realizar a fiscalização e controle das “irregularidades urbanas”. A feira, que apesar do seu histórico com o território, estava incluída nesse grupo de irregularidades e divergia opiniões sobre a sua permanência no calçadão. Para algumas pessoas que utilizam o ponto de ônibus ou a calçada, o cheiro da barraca de peixe era forte demais, a grande quantidade de barracas e o lixo orgânico pelo chão também se transformavam em um grande incômodo. Por outro lado, para os feirantes era um ótimo ponto de comércio com bastante movimento, e para a freguesia os preços mais baratos em comparação aos supermercados era um fator relevante, somado à relação que ali se estabelecia entre quem vendia e quem comprava, construída no vivido, à partir das relações e trocas que ultrapassam a questão econômica e sugerem uma relação de identidade com os feirantes e o local da feira.

Essa relação de identidade da feira, com o território e seus fregueses sofreu uma grande ruptura com a remoção dos feirantes do calçadão. Ao serem realocados no galpão, segundo o feirante Sérgio, houve um enorme esvaziamento de fregueses e as vendas

caíram mais da metade, o que ele atribuiu à falta de infraestrutura para recebê-los e pela localização, distante do calçadão e ao lado do posto de saúde, próximo ao lixo hospitalar. Em 14/05/2015 o Mercado Popular do Largo da Batalha foi inaugurado, com 270 metros quadrados e 32 boxes, onde os feirantes e outros comerciantes receberam uma licença de funcionamento e se tornaram microempreendedores individuais e, segundo o prefeito de Niterói, para o site oficial da prefeitura, essa inauguração foi a concretização de um sonho:

Esse investimento foi importante para o Largo da Batalha e para a cidade. O Largo da Batalha por muito tempo conviveu com uma condição difícil. As pessoas trabalhavam em uma situação insalubre, precária. E nós não poderíamos deixar essas pessoas que se sustentavam com aquele trabalho sem perspectiva. Então fizemos um trabalho intersetorial, envolvendo várias secretarias, a de Desenvolvimento Econômico, Executiva, Assistência Social, Ordem Pública, entre outras áreas do governo. Os trabalhadores que, antes eram ambulantes informais, passaram a ser microempreendedores individuais regulamentados, regularizados e tiveram um apoio do programa de capacitação da prefeitura em parceria com o Sebrae. A prefeitura fez um investimento muito expressivo em um local indicado pelos próprios moradores do Largo da Batalha. A entrega do mercado popular concretiza um sonho dessas pessoas e vai beneficiar provavelmente milhares de pessoas porque além das 32 famílias que vão ter suas rendas garantidas por esse trabalho. (Disponível em: http://niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3045:prefeitura-inaugura-mercado-popular-do-largo-da-batalha Acesso em: 10/09/2017)



Figura 10: Mercado Popular do Largo da Batalha

Fonte: Fotografia de Evelen Gouvêa, disponível no site do jornal O Fluminense (<http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/crise-econ%C3%B4mica-afeta-mercado-popular-no-largo-da-batalha>)

Entretanto, nas minhas idas à campo e ao conversar com os feirantes que estão trabalhando dentro do Mercado Popular do Largo da Batalha, notei uma realidade que difere das expectativas tanto da prefeitura, quanto dos comerciantes em relação ao local e aos benefícios que viriam a reboque desse investimento comercial. Dos 32 boxes construídos dentro do mercado, apenas 3 estavam em funcionamento nas vezes que estive lá: um vendendo peixes, outro com produtos eletrônicos diversos e o terceiro funcionando como uma espécie de lanchonete. Na parte externa do mercado, durante a semana, uma média de 5 feirantes montam suas barracas, onde vendem frutas, legumes e verduras, e aos finais de semana, esse número aumenta consideravelmente para 10 à 15 barracas, extrapolando as grades do Mercado e indo (retornando) para a calçada. Ao questionar alguns feirantes sobre eles não estarem dentro do Mercado e a visível queda na quantidade de barracas, eles disseram que os boxes não possuíam a infraestrutura adequada para armazenar e expor seus produtos e além de serem muito pequenos e apertados a maioria dos clientes não queriam atravessar a movimentada Rua Reverendo Armando Ferreira para fazerem suas compras e os que passavam em frente, não se sentiam à vontade para entrar no Mercado, então, a forma de chamar a atenção da clientela, foi trazer a feira para o lado externo do prédio, o que segundo os feirantes, ajudou a diminuir o prejuízo. A queda nas

vendas fez com que muitos feirantes começassem a procurar novas formas de se sustentar e abdicaram dos boxes cedidos pela prefeitura, o que explica o grande número de boxes fechados e a redução da quantidade de barracas existentes na feira, de aproximadamente 40, para apenas 15.

Essas mudanças que o bairro vem sofrendo, alteram as práticas dos moradores e pequenos comerciantes enquanto agentes nesse território e acabam modificando também o cenário urbano ao longo do tempo, mas não necessariamente essas mudanças são negativas ou não levam em consideração as estruturas e relações ali existentes e ao se observar os usos e os novos usos atribuídos ao território à partir das vivências e afetos dos seus agentes, pode-se encontrar uma outra perspectiva do Largo da Batalha.

CAPÍTULO 3: IDENTIFICANDO OS AGENTES DO LARGO DA BATALHA E A SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO

O lugar para Milton Santos não se encontra restrito à dimensão cultural e simbólica do espaço, o lugar, bem como o território, é paralelamente uma materialidade e imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 1996). Nesse sentido, o autor trabalha a ideia de lugar-mundo, que se dá através da relação entre o espaço geográfico, o território usado e o lugar:

A globalização tem uma face como fábula – a globalização que nos mostram ou como querem que a compreendamos –, uma face como perversidade – a globalização como realmente ela é –, ambas são faces da globalização produzida pelos agentes hegemônicos do período técnico-científico-informacional. Porém, o lugar é a força dos agentes não hegemônicos, das pessoas em seus cotidianos, para criar uma outra globalização – a globalização como possibilidade, a globalização vista do lado de cá (SANTOS, 2000).

Ao se tratar do lugar, existe uma discussão das proporções em que o território pode ser trabalhado, bem como a dialética que ocorre entre as verticalidades, - sendo elas as relações de verticalidade, de estrutura, externas ao lugar, geralmente novas a esse lugar e demandadas pelo mercado ou pelo Estado - e também as horizontalidades - onde se estabelecem as relações horizontais, de afinidade e familiaridade, respectivas do lugar, que geralmente são velhas e requisitadas pelo Estado e também pelas pessoas que lá vivem.

Essas horizontalidades, que estão ligadas as pessoas, se refere a solidariedade orgânica, situações de igualdade e as contra-racionalidades à globalização, enquanto a solidariedade organizacional está ligada às firmas e instituições, sugerindo verticalidades, situações de hierarquia e senso de globalização.

Nesse sentido, o autor desenvolve a ideia de circuitos espaciais, com origem na obra de Karl Marx, que elaborou a noção que o processo de circulação, como um todo, é formado pela produção, distribuição, troca e consumo (MARX, 2011 [1875]). Logo, Santos propõe que esses circuitos espaciais produtivos são espaços de produção, circulação e de consumo de certo produto (SANTOS, 1986), e esses circuitos são criticamente divididos em superior e inferior.

O circuito superior se dá através de agentes e princípios que usam uma grande força tecnológica, capital e organização, que acabam por produzir as relações de verticalidades, racionalidades e solidariedades organizacionais. Já o circuito inferior, é estruturado por agentes e princípios que não dispõem de força tecnológica, capital e organização e acaba por produzir as relações de horizontalidade, contra racionalidades e solidariedades orgânicas. Esses circuitos marcam uma bipolaridade da economia espacial e tiveram origem de um mesmo processo: a modernização tecnológica, marcada pelo período técnico-científico-informacional.

Essa noção de lugar, que é onde se dão as discussões do território usado e o espaço geográfico - com os seus circuitos superiores e inferiores, verticalidades e horizontalidades e que revela a coexistência de forças e redes, como também das forças desses lugares no espaço - trás a dialética sobre a perspectiva de um mundo distinto, uma nova globalização, concebida a partir de novos agentes, que não são hegemônicos, uma globalização que se constrói no caminho inverso ao da narrativa que já se conhece e da maldade do mundo em que experimentamos. Esse lugar, é tido como a rotina de cada indivíduo, grupo social e agentes no espaço.

A partir dessa reflexão, entendo como as feiras livres e comércios públicos são típicos exemplos de peças que compõem o circuito inferior da economia, como também ilustram as horizontalidades e contra racionalidades, constituídas de uma solidariedade orgânica, de relações particulares, velhas, de vizinhança e união entre as pessoas.

Entretanto, os agentes do circuito inferior, ocasionalmente, se deparam com conflitos políticos, permeado pelo Estado, e ideológico, por conta das mídias. No conflito político, o Estado acaba por atender aos interesses dos agentes do circuito superior, por exemplo, com investimentos em infraestrutura e, divergente à esse movimento, o mesmo Estado, atua de forma negligente com os elementos do circuito inferior, como aconteceu no caso dos feirantes de rua do Largo da Batalha, deteriorando e não dando o suporte de infraestrutura e gestão devidos à esses agentes.

No conflito ideológico, as publicidades e propagandas atuam exaltando os elementos do circuito superior, por exemplo, supermercados, *shopping centers* e outros comércios de grande porte, trazendo questões que relacionam esses elementos à um lugar seguro, limpo e com ambiente agradável. Ao mesmo tempo que a mídia constrói essa imagem de segurança para os elementos do circuito superior, as feiras livres, camelôs e

festividades que acontecem na rua, acabam ganhando uma conotação negativa, como a ideia de insegurança, ambientes desagradáveis, que poluem e até mesmo insalubres. No entanto, o Largo da Batalha ainda consegue manter sua principal opção de lazer para os moradores do bairro e das regiões mais próximas: as festas de rua.

O Estado, que geralmente aparece como um agente que contempla os interesses do circuito superior, indiretamente acaba por atender também o circuito inferior, pois esses estabelecem uma relação intrínseca, como a lógica de funcionamento dos atacadistas. Esses dois circuitos operando juntos, direta ou indiretamente, torna possível tanto a realização das festas de rua com a venda de bebidas, quanto a manutenção das vendas de legumes, verduras e outros produtos pelos feirantes que ainda resistem no Mercado Popular do Largo da Batalha.

Entendendo como funciona a lógica das verticalidades, horizontalidade e as possíveis dialéticas que permeiam esses circuitos, proponho uma reflexão acerca dos agentes do Largo da Batalha que, principalmente, fazem parte do circuito inferior, apontando sua relação com o lugar, bem como suas práticas dentro do território. Nesse sentido, é importante dizer que é a partir dos usos que são atribuídos as praças e ruas do Largo da Batalha que se define a prática social que caracterizam o entendimento fundamental desses agentes.

3.1 GRES Acadêmicos do Sossego

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Sossego, ou Acadêmicos do Sossego, é uma escola de samba da cidade de Niterói e que atualmente participa do carnaval carioca. A escola foi fundada em 10 de novembro de 1969 por Odir de Oliveira Costa e César de Melo Loureiro, e desfilou no ano seguinte como bloco de carnaval e em 1978 foi campeã entre os blocos de carnaval de Niterói.

Em 1981, foi campeã pela primeira vez como escola de samba e subiu para divisão principal do Carnaval de Niterói. Entre vitórias e derrotas, após muitos conflitos internos, em 1992 a presidência da escola iria encerrar as atividades e vender a sua sede, foi então que Almir Augusto Monteiro, Luiz Besouchet e João Preá decidiram recuperar a agremiação. No ano seguinte a nova direção apresentou um bom desfile e conquistou o 2º lugar no carnaval de Niterói, colocação que se repetiu em 1994 e 1995. Em 1998, a escola obtém o terceiro lugar no Grupo C do Carnaval do carioca e começa a desfilar na Marquês

de Sapucaí, permanecendo no Sambódromo até 2001. No entanto, de 2002 a 2005, a agremiação foi rebaixada duas vezes, retornando ao grupo D, quinta divisão do Carnaval do Rio. De 2005 em diante, a Escola conseguiu conquistar muitos títulos e em 2017 conquistou o 11º lugar no Grupo A, garantindo a mais um ano de desfile no Sambódromo.

A escola, que em 2018 estará desfilando na Marquês de Sapucaí, atualmente, sofre com o problema da falta de uma sede, pois em 2016 foram despejados da lona - construída pela Prefeitura para abrigar provisoriamente os feirantes removidos das calçadas do bairro - localizada na Rua Reverendo Armando Ferreira, no Largo da Batalha. Para não parar os ensaios, ou gastar dinheiro alugando um novo espaço, a diretoria da agremiação optou por realizar os ensaios técnicos na Rua Jornalista Silva Thomé, no Largo da Batalha, que ocorrem com mais frequência conforme o carnaval se aproxima e acabam se tornando da agenda de lazer dos moradores do bairro.

Os ensaios técnicos acontecem mensalmente ao longo do ano, no entanto, por volta de 6 meses antes do Carnaval se tornam semanais: as quartas-feiras, das 22:00 horas até, aproximadamente, 1:00 hora da manhã. Além de terem se tornado mais uma opção de lazer para os moradores, os ensaios aumentam as vendas dos bares e comércios no entorno e criam uma nova possibilidade de renda para os vendedores ambulantes.

Segundo o Diretor de Carnaval Almir Júnior, apesar de estarem negociando com a Prefeitura um nova sede para a Acadêmicos do Sossego, ter começado a ensaiar na rua foi “a melhor coisa que poderia ter acontecido para a escola”, pois esse movimento fez com que moradores do bairro voltassem a se envolver e se identificar com a escola, dado que confirma essa relação é que, atualmente, 100% dos integrantes do Sossego são moradores do Largo da batalha.

Almir Júnior: Ano passado, fizemos o ensaio para a Sapucaí aqui no Largo da Batalha e lotou. Todo mundo quis assistir, ou por curiosidade ou pra ver se realmente a escola tinha melhorado e mudado. E aí, virou o 'point', toda quarta-feira o ensaio do Largo da Batalha vira Carnaval.

Outro motivo pelo qual Almir acredita que o ensaio técnico se tornou famoso no bairro, é a questão da segurança. Nos ensaios, apesar de cheia, a rua tem um ambiente familiar, onde todos se conhecem, não possui brigas e pessoas de variadas idades transitam em harmonia.

Consequência dessa relação que os moradores voltaram a estabelecer com a Acadêmicos do Sossego, o seu número de componentes aumentou consideravelmente. Hoje, ela é composta por 20 alas, 4 carros alegóricos, 2 casais de mestre sala e porta bandeira e comissão de frente, contabilizando um total de 1800 pessoas.



Figura 11: Ensaio Técnico na rua
Foto: Carolina Ussler



Figura 12: Ensaio Técnico na rua
Foto: Carolina Ussler

3.2 Rua do Samba

A Rua do Samba é um evento gratuito idealizado pelo Carlos “Brizola”, um dos feirantes do Mercado Popular do Largo da Batalha, que uniu seu amor pelo samba à necessidade de se conseguir uma outra fonte de renda para ele e sua família. A primeira edição ocorreu no dia 16/12/2015, na Rua Nilo Freitas e contou com a presença de aproximadamente 500 pessoas.



Figura 13: Samba na Rua Jornalista Silva Thomé

Fonte: Página da Rua do Samba no Facebook

<<https://www.facebook.com/902330259863442/photos/a.1488841657878963.1073741870.902330259863442/1488852184544577/?type=3&theater>>

Atualmente, a festa acontece quinzenalmente na Rua Jornalista Silva Thomé, com um público médio de 2000 pessoas por evento. Na Rua do Samba encontram-se 22 barracas, de comidas e bebidas, montadas pelos próprios moradores do bairro à convite de *Brizola* e tocam em média 5 grupos de samba ou pagode na festa que começa às 22:00 e termina por volta das 03:00 horas da manhã.



Figura 14: Samba na Rua Jornalista Silva Thomé

Fonte: Página da Rua do Samba no Facebook. Acesso em:

<<https://www.facebook.com/902330259863442/photos/a.1499057260190736.1073741872.902330259863442/1499065363523259/?type=3&theater>>

Diretamente o feirante gera emprego para as famílias que trabalham nas barracas do evento e para as 15 pessoas que ele possui em sua equipe e tornam o evento possível. No entanto, os bares e o comércio no entorno também se beneficiam da festa, segundo *Brizola*, os donos dos bares triplicam o número de funcionários para os dias da roda de samba e a feira de roupas que funciona na mesma rua fica aberta até mais tarde pois as vendas aumentam muito.

Além de gerar emprego para muitas famílias *Brizola* conta como todas as pessoas do Largo da Batalha se conhecem e se ajudam, formando uma rede de apoio que dá suporte e torna possível que os eventos aconteçam. De forma bem familiar e íntima as relações de trabalho e vizinhança funcionam em paralelo: quem aluga a estrutura para o evento acontecer é o primo do vizinho de *Brizola*, as pessoas que montam as barracas de comidas e bebidas são parentes, amigos ou indicação de pessoas próximas e os donos dos bares são amigos de infância ou vizinhos. Nesse sentido, como uma “grande família” todos se ajudam e conseguem garantir uma fonte de renda, além de manter a tradição do bairro - as festas de rua - que até hoje ainda é a principal forma de lazer dos moradores do bairro.

Como dito por *Brizola*, a relação que os moradores estabelecem com o bairro é de bastante proximidade, fazendo com que as praças e ruas se tornem “o quintal de casa”. Por essa relação ser intrínseca os moradores acabam por vivenciar o Largo da Batalha numa perspectiva de cuidado, tanto com as pessoas quanto com o lugar, como também entendem que o bairro como um todo pode ser palco de suas festividades.

Brizola: O meu novo projeto, que ainda estou colocando no papel e correndo atrás dos detalhes para legalizar na prefeitura é sobre uma feijoada, aos domingos, dentro da praça (Praça Levir Francisco). Quero que comece na hora do almoço, com uma roda de samba legal e dê pro trabalhador curtir com a família e atrapalhar ele para trabalhar na segunda. Essa praça é muito boa, quero muito fazer uns eventos aqui, vai ficar muito bom.

Enquanto *Brizola* me contava sobre seu novo projeto, alguns meninos passaram por nós e ele afirmou que não só quer movimentar as praças e ruas, como também tenta ajudar a tirar alguns meninos do tráfico, lhes dando emprego, afim de melhorar a perspectiva de vida deles. Nesse sentido, pude perceber como as relações que se estabelecem no bairro, formam não só uma rede de apoio econômica, como também trazem um apoio com uma conotação familiar, de cuidado e zelo, que remetem às relações, que no geral, acontecem em casa.

3.3 Feirantes e outros pequenos comerciantes

A feira de rua do Largo da Batalha, como dito no capítulo anterior, é uma peça fundamental para entender como se deu o processo de construção da identidade do bairro, pois, a partir dela o Largo passou a ser entendido como um bairro mais voltado para o comércio. Da década de 1970 em diante, o bairro, que começou a sentir as mudanças que vieram a reboque da modernização e ampliação da cidade de Niterói, também sofreu alterações no seu cenário urbano.

Os feirantes e outros pequenos comerciantes, que acabam não tendo força para competir com os grandes mercados, tentam se adaptar à nova realidade do bairro, como o próprio *Brizola*, que além de criar o evento Rua do Samba, atualmente, vende produtos eletrônicos no Mercado Popular do Largo da Batalha. Segundo o feirante, ele teve que se adaptar às adversidades, visto que hoje em dia todos possuem celulares e outros aparelhos

eletrônicos e estão sempre em busca de acessórios para os mesmos. Deste modo, *Brizola* se tornou o feirante que mais vende e tem clientes no Mercado Popular.

Enquanto isso, os outros feirantes buscam novas alternativas para manter a profissão e chamar atenção da antiga clientela, como colocar as barracas, aos finais de semana, nas calçadas do Mercado e pedir frequentemente a Prefeitura que coloque um sinal em frente à feira, para que facilite o trajeto das pessoas até lá, no entanto, essa exigência ainda não foi atendida.

Apesar da Prefeitura alegar que a feira nas calçadas as torna suja e caótica, os donos de bares, lojas de roupa e pastelaria, garantem que preferiam ter a feira de volta, pois os moradores do local, além de serem clientes fixos da feira, ao transitarem pela calçada, acabavam comprando em suas lojas também. Segundo o feirante Sérgio, a convivência cotidiana entre os feirantes e comerciantes era harmoniosa e lucrativa para ambos.

Atualmente, com o esvaziamento das calçadas, nota-se uma descaracterização de uma parte do bairro, visto que os feirantes, comerciantes e clientes estabeleciam uma relação intrínseca com o território. Era na calçada da feira livre que as relações de troca, tanto simbólica quanto econômica aconteciam e estas faziam parte da construção de identidade do bairro, moradores e comerciantes.

Apesar do esvaziamento das calçadas os comerciantes não se sentiram tão prejudicados quanto os feirantes, visto que estes continuam lucrando com as festividades que acontecem nas ruas do bairro, como o ensaio da GRES Acadêmicos do Sossego e o Samba na Rua, além de já possuírem sua própria clientela.

3.4 Moradores do Largo da Batalha

Os moradores do Largo da Batalha, em geral, frequentam os eventos de rua - Rua do Samba, festas nos bares e ensaio da Acadêmicos do Sossego - e as praças do bairro em seus momentos lazer ou descanso. Estes espaços apresentam distintos padrões de usos pelos frequentadores, de acordo com o dia, horário e até estação do ano. Durante a semana, principalmente por volta do meio dia, as pessoas que estão na praça são as que estão em seu horário de almoço do trabalho ou estudantes que saíram ou ainda vão para a escola. Aos fins de tarde, principalmente nos períodos de final e início do ano letivo, os estudantes utilizam a praça como ponto de encontro e lazer entre os amigos. A posição central em que

a Praça Levir Francisco se encontra, lhe confere um movimento constante de pessoas, bem maior se comparado à Praça Odir Sereno, que fica em um local um pouco mais afastado do centro do bairro.

Cotidianamente existe um grande fluxo natural dos moradores, tanto do bairro quanto de outras localidades da cidade. A apropriação dos espaços, dos usos para prática de esportes e passeios com animais de estimação ocorre tanto nos dias de semana quanto aos finais de semana, e é principalmente realizada pelos moradores do entorno.

No que se refere aos moradores que frequentam o bairro, é possível identificar algumas especificidades. Nas praças, ruas e feira do bairro, existe uma convivência com uma conotação familiar, harmônica e, geralmente, com bastante interação entre eles. Nas praças, criam-se espécies de concentrações de determinados grupos, por exemplo, grupos de escolas diferentes, que se reúnem mais ou menos no mesmo local da praça. Oposto a esse grupo, se reúnem os jovens que usam drogas, que acabam optando por ficar numa área mais reservada da praça. Já para as crianças e as famílias, existem espaços de convivência com área de recreação infantil (Figuras 7 e 8), além de diversos brinquedos. Há também um espaço destinado para pessoas idosas, com aparelhos de ginástica.

As práticas sociais dos moradores do Largo da Batalha vão além dos usos pré-determinados pelo Estado, pode-se perceber isso pelo simples ato de se levar uma cadeira para a porta de casa ou sentar-se nos bancos da praça com os amigos ou colegas de trabalho, o que reflete o desejo de tornar a cidade parte do cotidiano e valorizar o uso desses espaços.

Por mais que as ações do Estado e do capital busquem traçar quais são as necessidades e até induzir os anseios da população, os mesmos não são capazes de definir e subordinar todos os movimentos de uma cidade, o que mostra como a relação de produção do espaço se dá de forma complicada e sem linearidade.

A produção do espaço, seja o de uma rede urbana, seja o intraurbano, não é resultado da “mão invisível”, nem de um Estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. (CORRÊA, 2011, p.43)

Nesse sentido, entendo como as formas de apropriação do espaço são decorrentes de diferentes fatores e contextos, desde as diferentes origens e perfis econômicos, estilo de vida dos moradores e idade. Atrelado a esses fatores, existem também os de ordem espacial, como acessibilidade e de deslocamentos, como o local onde se encontra a casa ou trabalho, que acaba por definir os fluxos e a capacidade de mobilidade das pessoas.

Desses padrões de apropriação do espaço público, podemos diferenciar alguns, como os mais corriqueiros, individuais e cotidianos, apresentado pela ação de viver, transitar nas ruas e sob o direito de ir e vir, sendo essa forma de apropriação um acontecimento de todos os dias. O outro, se dá pela através da apropriação coletiva, que pode possuir, um caráter de questionamento político, como as manifestações, ou simplesmente, relacionadas ao uso e lazer que os espaços públicos podem oferecer.

Essa tentativa de uma rápida explicação, tem como objetivo analisar como estas manifestações acontecem simultaneamente no mesmo espaço. Ao mesmo tempo em que a cidade “vive”, as pessoas se envolvem com o espaço público com diferentes finalidades, desde apenas como um lugar de passagem, como para estudar, trabalhar, ter momentos de lazer. Existem os que utilizam do espaço público para residir, como os moradores de rua, que ocupam praças, pontes, calçadas ou lugares protegidos em relação a mudanças climáticas e de pessoas que possam expulsá-los ou maltratá-los. Existem também outras formas de apropriações: as políticas, com fins de contestação e de forma consciente, que demandam melhorias para a população; as artísticas, que no geral, voltam-se para alguma crítica e são gratuitas, como os teatros de rua, danças, contação de histórias e que convidam os passantes para participar, assistir ou de certa maneira se apropriar daquele espaço.

Desse modo, podemos ver como algumas apropriações acabam por atribuir um caráter positivo ao espaço, no entanto, existem as que de alguma maneira impedem ou inibem outros tipos de usos que se espera do mesmo. O crescimento de práticas como uso de drogas e moradias inadequadas, passam a coibir o acesso da população a alguns lugares pelo uso impróprio ou pela alteração do papel daquele espaço em comum.

A maior parte das apropriações aponta para a necessidade de uma maior versatilidade dos espaços públicos e de práticas que possibilitem variados usos. Essas, que apesar de não proporcionarem mudanças na estrutura do espaço urbano, se aumentadas,

criam novos sentidos aos lugares, e é a partir destes acontecimentos que se introduzem ou impulsionam no espaço a curiosidade, estranhamento e atração tanto pelas pessoas, quanto pelo poder público, fazendo com que surjam reflexões e novas perspectivas sobre o espaço público, podendo resultar na multiplicação ou permanência destas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pretensão inicial desta pesquisa, acredito ter conseguido revelar as mudanças que o bairro Largo da Batalha vem sofrendo desde a década de 1970 e evidenciar as possibilidades de novas e antigas apropriações cotidianas do espaço público, bem como as práticas sociais que ali acontecem, e assim poder enxergar o bairro em seu potencial de insubordinação dos usos que já são estipulados e normatizados nos espaços urbanos.

Convém realçar que o Largo da Batalha pode manifestar diferentes percepções conforme seu observador, como também possui uma visão antagônica entre quem mora no bairro e quem só o utiliza como local de passagem. O bairro é um ótimo exemplo deste caso. Enquanto para moradores o Largo ganha uma conotação familiar, de segurança e lazer, para o restante dos Niteroienses o lugar representa caos, insegurança e insalubridade.

Estes diferentes olhares com que a sociedade percebe o bairro, as múltiplas opiniões, conceitos e preconceitos, não deixam de ser uma forma de busca para entender o significado do bairro. É necessário entender que essas representações evidenciam desejos, sonhos e até inseguranças da coletividade e quando as práticas sociais causam um estranhamento, elas desconstruem o que já está dado e geram novas possibilidades dentro da cidade.

Sobre os agentes do bairro, destaco a importância do entendimento de como estes e as suas representações sociais, seus modos de produção e suas práticas representam a identidade do Largo da Batalha, que não aceita as transformações impostas pelo domínio do poder público, que tendem a deteriorar diferentes aspectos da vida, como a cultura e a forma como as apropriações do espaço público se dão, como esse trabalho tratou. Entendo como importante a tentativa de refletir acerca da rigidez que permeia os processos econômicos nos territórios, a partir de uma perspectiva de quem os vive e os carrega de significados e que se sente prejudicado por esses processos.

Os feirantes, como vimos, apesar de possuírem um forte discurso ligado a políticas que garantam não só a continuidade de suas práticas, como também condições justas e dignas de trabalho e que, conseqüentemente, possibilitem que suas práticas tradicionais sejam mantidas, não conseguem obter resultados positivos em relação ao diálogo com a prefeitura. Infelizmente, mesmo articulados e com discursos políticos atrelados a

identidade e a relação com as calçadas -reforçando sua legitimidade e a importância sobre aquele território construído desde década de 1960 - os feirantes não conseguem retomar suas atividades tradicionais.

Outro ponto que não foi abordado, por ser ainda muito recente, e aponta um caminho para uma possível continuidade desta pesquisa, refere-se à construção do túnel que liga o Bairro de Charitas ao Cafubá, na região oceânica de Niterói, fazendo com que os carros e alguns transportes públicos não precisem mais utilizar o Largo da Batalha como local de passagem. Nesse sentido, compreendo que a longo prazo o túnel traga novas alterações ao cenário urbano do bairro, que já começa a ter menos fluxo de carros e passantes.

Para encerrar, coloco alguns questionamentos com o objetivo de propor que esta discussão não se acabe por aqui, entendo como importante a busca pela valorização das vivências e como consequência disso, uma maior humanização nas relações que se estabelecem ao criar planejamentos urbanos. Com isso, quais são os bairros e cidades que idealizamos para termos a nossa moradia, representarmos nossa identidade e até estabelecer relações sociais? Como podemos questionar e ter um olhar mais distanciado da cidade de onde vivemos no intuito de tentar criar novas formas de vivências e apropriações, quando estamos tão inseridos na lógica do capital?

A partir disso, encaro como desafio a identificação do que movimenta a vida cotidiana das pessoas na cidade para entender os motivos pelos quais as relações têm se tornado mais distanciadas e impessoais no cenário urbano e então, pensar que mundo estamos e queremos produzir. Efetivamente queremos vivenciar um lugar onde a melhor possibilidade de deslocamento seja em um carro particular, principalmente, pelo fato de que as cidades cada vez mais tem sido planejadas para os automóveis e não para os pedestres e suas possibilidades de apropriação do espaço público? Desejamos estar em um mundo onde as pessoas tenham que ser removidas de suas casas para lugares afastados por conta da gentrificação? Ou em um mundo que tenta naturalizar ou esconder as desigualdades sociais? Será que o valor material é realmente mais importante que a vida das pessoas que habitam as cidades? A resposta concreta para esses questionamentos não está dada, no entanto, com base nas análises das apropriações e das representações sociais dentro da cidade, pode-se perceber o caminho para onde as pessoas estão seguindo,

pautadas pela impessoalidade e distanciamento, tendendo a naturalizar as desigualdades e outros aspectos negativos dentro do cenário urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”. Cadernos do PPGAS, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1974

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. [et al] Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARVEY, David Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. SP: Loyola, 1989.

MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005 [SANTOS, Milton. Espaço sociedade. Petrópolis: Vozes, 1978].

_____.O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____.O Retorno do Território. IN: SANTOS, Milton (org.) Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____.A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Google Maps. **Mapa da cidade de Niterói**. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Niter%C3%B3i,+RJ/@-22.9226661,-43.1853919,11z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9985c034c8b985:0x262ee793dfcc1775!8m2!3d-22.8858975!4d-43.1152211>> Acesso em: 10/11/2017

Google Maps. **Mapa do Largo da Batalha**. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Largo+da+Batalha,+Niter%C3%B3i+RJ/@-22.9082164,-43.074638,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x99843c1647fdf3:0xfb21b1f7de9e5be3!8m2!3d-22.9057046!4d-43.0692625>> Acesso em: 10/11/2017

IBGE. **Histórico de Niterói.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=330330>> Acesso em: 10/11/2017

Jornal O Dia. **Feirantes do Largo da Batalha vão ganhar novo Mercado Popular.** Disponível em: <http://odia.ig.com.br/niteroi/2014-09-27/feirantes-do-largo-da-batalha-vaao-ganhar-novo-mercado-popular.html>> Acesso em: 10/11/2017

Jornal O Fluminense. **Crise econômica afeta Mercado Popular, no Largo da Batalha.** Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/crise-econ%C3%B4mica-afeta-mercado-popular-no-largo-da-batalha>> Acesso em: 10/11/2017

Jornal O Fluminense. **Prefeitura de Niterói inaugura praça no Largo da Batalha.** Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/prefeitura-de-niter%C3%B3i-inaugura-pra%C3%A7a-no-largo-da-batalha>> Acesso em: 16/10/2017

Jornal O Fluminense. **Praças com um novo conceito.** Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/pras-com-um-novo-conceito>> Acesso em: 16/10/2017

Niterói Antigo. Disponível em:

<https://www.facebook.com/NiteroiAntigo/photos/a.563653480421309.1073741825.251372731649387/1375920005861315/?type=3&theater>> Acesso em: 16/10/2017

Prefeitura de Niterói. **Prefeitura inaugura Mercado Popular do Largo da Batalha.** Disponível em: http://niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3045:prefeitura-inaugura-mercado-popular-do-largo-da-batalha> Acesso em: 16/10/2017